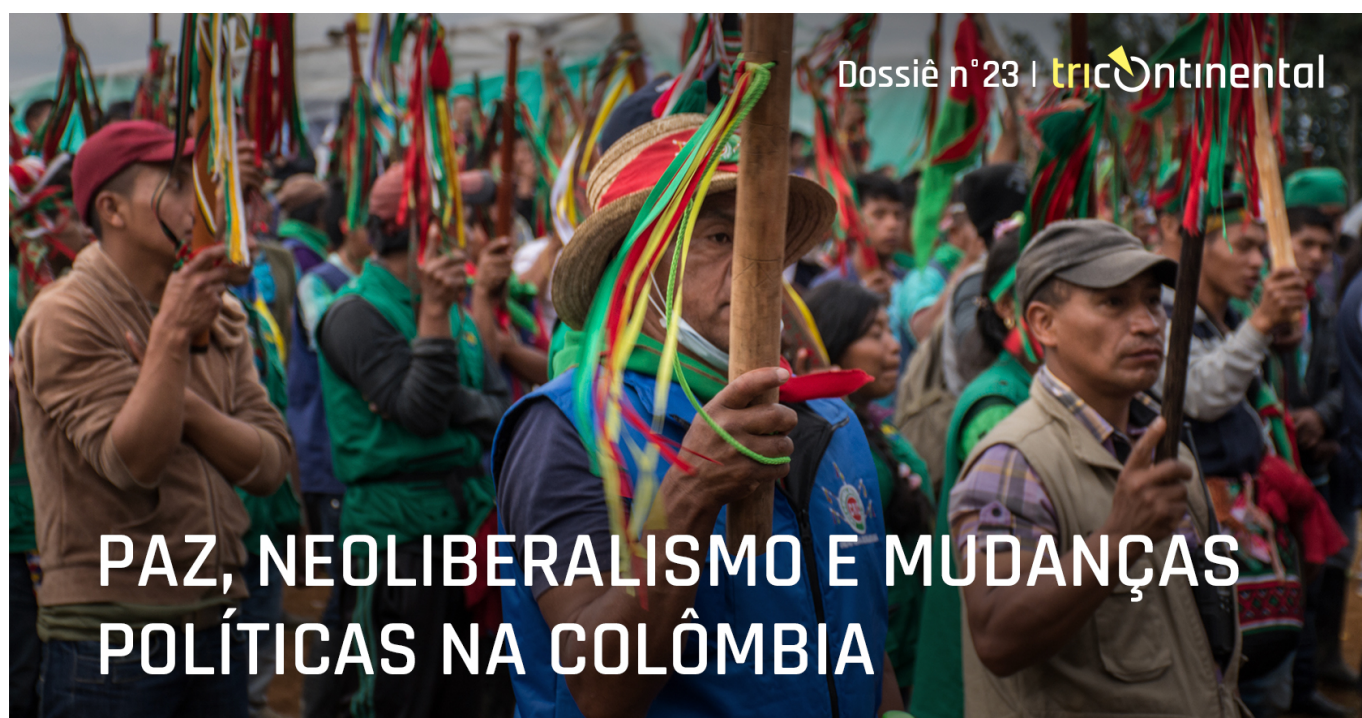


Se você quiser paz, terá guerra; se quiser guerra, terá riqueza | Carta semanal 50



Queridos amigos e amigas,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**

Há um quarto de século, Victoria Sandino Palmera se uniu às Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia – Exército do Povo (Farc-EP). Ela já havia sido militante do Partido Comunista e, quando a Farc-EP estava atuante nos anos 1990, ingressou no Polo Patriótico. Mas a repressão por parte do que ela chama de “oligarquia tradicional” a mandou de volta à floresta uma e outra vez. Victoria Sandino deixou claro que não se interessava por essa guerra. “Não pegamos em armas porque acreditávamos na violência”, **me disse em 2015**. “Pegamos em armas porque tentamos resolver a questão da terra por meios democráticos, o que gerou uma resposta violenta por parte do Estado. A violência nos foi imposta”.

O **Centro Nacional de Memória Histórica**, com sede em Bogotá (Colômbia), **calcula** que entre 1º de janeiro de 1958 e 31 de dezembro de 2012, pelo menos 220 mil pessoas foram mortas na guerra civil colombiana. O relatório observa que a raiz dessa guerra tem sido a “apropriação, uso e posse da terra”. O relatório afirma: “os setores cujo poder econômico e político se baseou na terra se opuseram fraudulentamente às reformas agrárias,

bem como a qualquer esforço para democratizar a propriedade da terra ou devolver o que foi roubado. Tanto no passado quanto no presente, eles usaram artifícios legais e métodos violentos, que incluíram assassinato de líderes e perseguição a membros de organizações de pequenos agricultores”. Isso está de acordo com a declaração de Victoria Sandino de que *a violência foi imposta*.



“Por que o governo retira direitos de pessoas nativas e os concede a corporações multinacionais?” Mobilização no departamento de Cauca, 2013. Equipe de Comunicação da Marcha Patriótica.

Nosso dossiê n. 23 (dezembro) **Paz, neoliberalismo e mudanças políticas na Colômbia** foi preparado pelo Grupo de Pensamento Crítico da Colômbia do Instituto de Estudos Latino-Americanos da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Buenos Aires.

Em 2016, as forças beligerantes da guerra civil da Colômbia assinaram o Acordo de Paz em Havana (Cuba), que prometia abrir um novo período no país. Victoria Sandino estava na equipe das Farc-EP que participou das negociações. Quando perguntei o que ela faria quando a paz chegasse, me disse que anseia por se reunir com sua própria família e que quer encontrar a filha de sua camarada Laura, morta em combate. “Quero contar a ela que sua mãe era uma mulher excepcional. Quero passar todo o amor que senti por Laura para a filha dela”, disse Sandino. Mas a elite – liderada pelo ex-presidente Álvaro Uribe – lutou contra o Acordo e conseguiu derrotá-lo em um referendo. Por que a extrema direita, liderada por Uribe, mantém tal ânimo contra um processo de paz e por que, portanto, está comprometida com a guerra?

Paz, neoliberalismo e mudanças políticas na Colômbia mostra que a elite – e seus aliados imperialistas – estão comprometidos com uma estrutura de acumulação que não apenas prefere a guerra à paz, mas que reforça as

raízes do conflito. Essa estrutura inclui o monopólio de um pequeno setor sobre a economia, incluindo agricultura e mineração. A terra foi militarizada para garantir os lucros da elite colombiana. Essa é a principal razão da guerra e da oposição das elites à paz.

Em vez de um processo de paz, a elite colombiana preferiria uma saída como a do Sri Lanka – ou seja, o brutal ataque armado de 2008-09 do governo do Sri Lanka contra não apenas os Tigres de Liberação do Tamil Eelam (LTTE, sigla em inglês), mas também a população em grande parte tâmil no enclave de Jaffna. No final do ataque, o governo do Sri Lanka mantinha mais de 300 mil civis em campos de concentração (em 2014, a ONU instituiu um tribunal para investigar crimes de guerra no país, mas seu governo se recusou a cooperar com qualquer investigação; o **relatório produzido pela ONU** é chocante). É isso que Uribe e seus apoiadores preferem – não um processo de paz, mas guerra até o fim.



Marcha Nacional Indígena, maio de 2016, Departamento de Cauca. Equipe de Comunicação da Marcha Patriótica.

A guerra é o resultado lógico de um sistema baseado na desigualdade estrutural. Se a grande maioria das pessoas do mundo não puder viver dignamente, elas se revoltarão contra suas condições. Até os protestos mais modestos (uma marcha) por uma demanda razoável (reforma agrária) encontra o que Franz Fanon chamou de “antigo bloco de granito” e a violência assimétrica.

É muito mais caro administrar um Estado repressivo que criar um Estado com igualdade, mas para a elite – o antigo bloco de granito – o dinheiro gasto com a guerra é muito mais eficaz que o dinheiro gasto com a paz. Em *Grundrisse* (1857), Karl Marx escreveu: “o impacto da guerra é evidente, já que economicamente é exatamente como se a nação jogasse uma parte de seu capital no oceano”. Do ponto de vista da sociedade, a guerra e a repressão são ilógicas; do ponto de vista dos capitalistas, a guerra impede a revolução social e produz oportunidades de lucro. Um sinônimo de capitalismo é a “economia permanente de guerra”, cujo objetivo não é criar *segurança*, mas *congelar perpetuamente as relações de classe*. Esse é o argumento básico do nosso novo dossiê.

Há alguns dias, o Instituto de Pesquisa para a Paz de Estocolmo (Sipri, singla em inglês) divulgou um **relatório sobre a venda de armas e serviços militares**, que, se consideradas as 100 maiores empresas do ramo, totalizou 420 bilhões de dólares em 2018, um aumento de 4,6% em relação a 2017. O banco de dados construído pelo Sipri inicia seus registros a partir de 2002. As vendas de armas e serviços militares aumentaram 47% entre 2002 e 2018. Pela primeira vez (desde 2002), os cinco principais vendedores de armas são dos Estados Unidos: Lockheed Martin, Boeing, Northrop Grumman, Raytheon e General Dynamics. Essas cinco empresas venderam, sozinhas, 148 bilhões de dólares em armas e serviços, 35% do total das vendas das 100 principais empresas. Todas as empresas americanas juntas venderam 59% do total das vendas globais, o equivalente a 246 bilhões de dólares. Os EUA são o maior fornecedor de armas para a Colômbia.

Os governos dos EUA e da Colômbia aprofundaram seus laços desde o Plano Colômbia (2001). O Comando Sul dos EUA trouxe as forças armadas colombianas para a estrutura de comando das forças armadas dos EUA. Tropas colombianas viajam rotineiramente às bases militares dos EUA para reuniões e treinamentos. Oficiais da Defesa colombiana costumam visitar o Comando Sul para aprofundar a cooperação (este ano, o major-general Luis Navarro Jiménez, do Exército da Colômbia, foi convidado do almirante da Marinha dos EUA, o almirante Craig Faller, em Doral, Flórida). Os pretextos para essa cooperação são sempre algo diferente da realidade – guerras às drogas e refugiados venezuelanos – enquanto, abaixo da superfície, a verdadeira razão é manter o status quo na Colômbia.



Beatriz Gonzalez, Senhor presidente, que honra estar com você nesse momento histórico, 1987 – uma comemoração do incidente de 1985 no Palácio de Justiça, quando militantes do M-19 invadiram a Suprema Corte. No ataque militar contra eles, metade dos juízes da Suprema Corte foi morta.

Há um aspecto no qual a oligarquia da Colômbia está correta: a agitação social prevalece menos em uma sociedade militarizada. Segundo o **Centro de Pesquisa e Educação Popular**, a agitação social aumentou na Colômbia desde o início do processo de paz, em 2012. Portanto, não é de se admirar que as ruas colombianas tenham sido invadidas por grandes manifestações desde 21 de novembro deste ano. As políticas neoliberais clássicas do presidente Iván Duque – incluindo cortes nos benefícios para aposentados e trabalhadores – provocaram inquietações em sindicatos, organizações estudantis e – na verdade – na maioria da sociedade. Duque e seu mentor, Uribe, pediram uma solução militarizada para os protestos colocando a polícia nas ruas (o que resultou na morte de um estudante, Dilan Cruz) e conduzindo ataques a meios de comunicação.

Bomba Estéreo se apresenta em #UnCantoXColombia (Dezembro de 2019)

Em um show nas ruas, Bomba Estéreo se juntou a 250 artistas para cantar e apoiar os protestos; eles cantaram *una patria dormida que ya despertó... nuestra historia puede ser distinta, puede ser mejor* [uma pátria adormecida que já despertou... nossa história pode ser diferente, pode ser melhor].

Gabriela Ngirmang



Gabriela Ngirmang, do pequeno estado insular de Palau, sabe o que significa enfrentar o antigo bloco de granito; quando ela e seus companheiros pressionaram por uma constituição antinuclear, experimentaram uma forte oposição, incluindo do governo dos Estados Unidos. Em 1979, quando a **Constituição** foi votada, 92% de Palau votou a favor. Os EUA queriam uma parte considerável desta ilha do Pacífico por seu programa nuclear, inclusive para armazenar armas. A pressão de Washington forçou o povo de Palau a votar um

plebiscito quinze vezes entre 1979 e 1994 (quando Palau estava sob custódia dos EUA) a manter a integridade de sua Constituição. O primeiro presidente de Palau – Haruo Remeliik – foi assassinado em 1985 e a casa de Ngirmang foi bombardeada. O lado antinuclear perdeu. Hoje, os EUA controlam os assuntos militares e diplomáticos de país. **Os soldados dos EUA retornaram a Palau** em abril de 2019 pela primeira vez em 37 anos.

Se você quiser paz, terá guerra; se quiser guerra, terá riqueza.

Cordialmente, Vijay.